

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS TRÊS LAGOAS/MS

Aline Souza Elesbão
Clara Aparecida Pereira de Mello

**ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO À CRIANÇA NO TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA**

TRÊS LAGOAS
2023

Aline Souza Elesbão
Clara Aparecida Pereira de Mello

**ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO À CRIANÇA NO TRANSTORNO DO
ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul - Campus de Três Lagoas - UFMS CPTL,
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel do Curso em Enfermagem.

Orientadoras: **Dra. Catchia Hermes Uliana**
Dra. Sueli Santiago Baldan

TRÊS LAGOAS

2023

Agradecimentos

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com diversas pessoas para que nós, uma dupla de graduandas do curso de Enfermagem chegássemos até aqui.

Portanto, gostaríamos de agradecer primeiramente ao nosso Deus que nunca nos desamparou, mesmo nos momentos difíceis, às nossas famílias que suportaram nossa ausência durante o desenvolvimento do trabalho, principalmente nossas mães Cláudia Regina Pereira e Lígia Souza Rosa, que nos suportaram em nossos momentos de mais receios e angústias.

Aos nossos amigos, que nos ajudaram sanando algumas dúvidas, como a Eduarda Kussura, Sabrina Almeida e Fabiane Ferreira Dias e, aos nossos colegas de turma que nos acompanharam durante todos esses anos. Eu Aline também agradeço ao meu namorado Kelvin Marcelino Teixeira que sempre se fez presente, contribuindo, sendo muito paciente, e suportando minha ausência, e mesmo assim permaneceu sempre ao meu lado, me apoiando e incentivando.

Às nossas crianças mais próximas no TEA, como o Apolo Borges Mello, Yago Mata Boaventura e Bruno Hermes Uliana que nos inspiraram a serem futuras enfermeiras com melhor qualificação, afim de prestar uma melhor assistência aos nossos futuros pacientes no TEA.

Às nossas queridas orientadoras Catchia Hermes Uliana e Sueli Santiago Baldan que foram extremamente pacientes e compreensivas conosco, sempre dispostas a sanarem nossas dúvidas nos levando para o caminho certo.

E por fim, agradecemos à Universidade Federal do Mato Grosso do Sul que nos proporcionou a oportunidade de seguir uma linha de pesquisa na qual nos identificamos durante o processo de graduação.

Obrigada!

ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO À CRIANÇA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Aline Souza Elesbão¹

Clara Aparecida Pereira de Mello¹

Sueli Santiago Baldan²

Catchia Hermes Uliana³

¹Acadêmica do Curso de Enfermagem, do Campus de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

²Doutora em Promoção da Saúde, Professora Adjunta do Curso de Enfermagem, do Campus de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

³Doutora em Ciências Farmacêuticas, Professora Adjunta do Curso de Enfermagem, do Campus de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser identificado logo nos primeiros anos de vida e consiste em um transtorno no neurodesenvolvimento que gera prejuízos no desenvolvimento de uma criança. O enfermeiro tem papel primordial na assistência de crianças com TEA, uma vez que ele irá atuar na prestação do cuidado e promoção da qualidade de vida. Dessa forma, objetivou-se descrever o papel do enfermeiro na assistência à criança com TEA. Foi realizada pesquisa bibliográfica narrativa, do tipo descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa nas bases de dados Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico. Como critérios de inclusão, foram selecionados os artigos publicados entre o período de 2013 a 2022, nos idiomas português, espanhol e inglês. Os resultados foram organizados em três categorias: assistência de enfermagem às crianças com TEA na atenção primária em saúde; assistência de enfermagem às crianças com TEA no ambiente hospitalar e desafios e dificuldades enfrentados pelos enfermeiros na assistência às crianças com TEA. Os estudos ressaltam o papel fundamental da enfermagem que pode gerar bons impactos na prestação de serviços às crianças no transtorno autístico tendo como base uma visão ampla e ao mesmo tempo individual durante a assistência prestada. Dessa forma, é atribuição da enfermagem auxiliar no diagnóstico precoce, acompanhamento do desenvolvimento, olhar humano capaz de reconhecer a dificuldade e desenvolver estratégias para ajudar nos desafios encontrados, reconhecendo as demandas da criança e prestar assistência aos pais na compreensão do TEA. Diante disso considera-se que a enfermagem tem como intuito gerar o bem estar ao paciente infantil no TEA e para isso recorrer a estratégias que impactam positivamente na qualidade de assistência tanto no primeiro atendimento quanto no âmbito hospitalar. O investimento em educação continuada e novos estudos e pesquisas são importantes para que o enfermeiro tenha embasamento no momento de prestar a assistência de maneira eficiente, individualizada e convicta.

Palavras-Chave: Cuidados de Enfermagem; Assistência; Enfermagem; Autismo Infantil; Transtorno do Espectro Autista.

INTRODUÇÃO

O transtorno do espectro autista (TEA) pode ser identificado logo nos primeiros anos de vida, sendo definido como um transtorno do neurodesenvolvimento em que se observam prejuízos importantes na capacidade de comunicação e de interação social, acompanhados de movimentos repetitivos restritos e inflexíveis, hiperatividade, comportamentos estereotipados e alterações cognitivas (APA, 2014; WHO, 2018).

O aumento da prevalência vem sendo progressivo ao longo dos anos. Dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) mostram que 1 em cada 36 crianças de oito anos foram identificadas com TEA nos EUA no ano de 2020. Ainda, o número de meninos diagnosticados com TEA foi 4,2 vezes maior do que de meninas (Maenner *et al.*, 2018). No Brasil não existem dados robustos que indiquem a prevalência de pessoas no espectro, o que representa um problema, considerando que a elaboração de políticas públicas se baseia em dados que demonstram as necessidades de uma determinada população (Freire *et al.*, 2023).

A etiologia do TEA está relacionada a fatores genéticos e ambientais. A ocorrência de TEA entre gêmeos monozigóticos é de 60 a 90%, enquanto entre gêmeos dizigóticos é de cinco a 40%. Entre os fatores ambientais que podem estar envolvidos no desenvolvimento do TEA, estão a ocorrência de diabetes gestacional, doença hipertensiva específica da gestação, exposição intrauterina a infecções, complicações no parto, exposição intraútero a medicações teratogênicas, entre outros (Silva; Lebrun, 2023).

O diagnóstico de TEA é essencialmente clínico e não há tratamentos farmacológicos específicos para o transtorno. A prescrição de fármacos se destina ao tratamento ou controle, de comorbidades associadas, como o transtorno de ansiedade, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDHA), agressividade, rituais compulsivos, distúrbios alimentares, entre outros (Barros Neto *et al.*, 2019).

Durante o processo de diagnóstico de uma criança os familiares apresentam muitas dúvidas sobre as características do transtorno (definição, causa e possibilidade de cura) e outros aspectos que envolvem a criança como seu comportamento, sua rotina, os direitos da criança e dúvidas quanto ao futuro (Weissheimer *et al.*, 2021). Dessa forma, as relações familiares são fortemente impactadas, visto que as expectativas que criaram em relação ao futuro da criança são interrompidas, fator este, que dificulta a aceitação do diagnóstico (Pinto *et al.*, 2016).

A abordagem multiprofissional e as intervenções comportamentais, considerando a singularidade de cada sujeito, têm demonstrado bons resultados na melhoria do funcionamento cognitivo e nas habilidades de linguagem, especialmente se iniciadas precocemente (Sanchack; Thomas *et al.*, 2016).

Diante da complexidade que envolve o TEA é importante que os profissionais de saúde estejam aptos a acolher a família, compreendendo suas angústias e oferecendo um atendimento qualificado que permita um bom desenvolvimento da criança. Entre os profissionais que estão envolvidos na assistência de saúde à criança no TEA, o enfermeiro é quem tem maior contato com o paciente, sendo um dos primeiros profissionais da saúde a prestar assistência à criança autista. Dessa forma, este estudo tem como objetivo descrever o papel do enfermeiro na assistência à criança no transtorno do espectro autista.

MÉTODO

Este estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica narrativa, do tipo descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa, por se tratar de uma estratégia de pesquisa que permite descrever o estado da arte de uma temática específica, a partir do ponto de vista teórico ou contextual (Souza *et al.*, 2020).

Utilizou-se as bases de dados Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Google Acadêmico como base de complemento. Para alcançar os resultados desejados foram definidos como descritores enfermagem, assistência, transtorno do espectro autista e seus correspondentes no idioma inglês: nursing, assistance, autism spectrum disorder. Como critério de inclusão foram utilizados artigos com livre acesso, publicados a partir de 2013 e, foram excluídas as publicações não disponíveis na íntegra, as teses, dissertações, editoriais, livros e monografias.

Posteriormente, foi feita a leitura dos títulos e dos resumos e, em seguida, foi realizada uma leitura prévia dos artigos onde foram identificados 11 artigos que atendiam ao objetivo deste estudo.

Para análise, os resultados dos artigos investigados foram organizados em categorias: Assistência de enfermagem às crianças com TEA na Atenção Primária em Saúde; Assistência de enfermagem às crianças com TEA no ambiente hospitalar e Desafios e dificuldades enfrentados pelos enfermeiros na assistência às crianças com TEA.

RESULTADOS

Assistência de enfermagem às crianças com TEA na Atenção Primária em Saúde

A enfermagem é um componente importante para a detecção de sinais e sintomas inadequados durante o desenvolvimento de crianças, podendo contribuir de forma assertiva por meio de consultas de acompanhamento como a puericultura, sendo ela consulta realizada pelo profissional enfermeiro (a) na atenção primária a saúde após o nascimento da criança até os 18 meses. É imprescindível que o enfermeiro obtenha conhecimentos básicos dos principais sintomas e características do TEA desde sua formação, para que tenha condições de traçar um plano de cuidado de qualidade para o paciente. Assim, a consulta de enfermagem, realizada desde o início da vida, auxilia no diagnóstico precoce e na compreensão do que é o TEA para a família (Rodrigues *et al.*, 2021).

Ao tratar de uma criança com TEA, o profissional enfermeiro deve ter uma atitude humanizada, prezando por um olhar individual para cada ser, proporcionando melhor qualidade na prestação de serviços, considerando suas singularidades, buscando compreender quais as principais demandas da criança. Entretanto, essa ação só é possível quando se tem o conhecimento necessário para identificação da sintomatologia do paciente em questão, dessa forma o enfermeiro deve também dar ênfase a ações de Educação Permanente, de modo a se capacitar e capacitar os membros da equipe de enfermagem, assegurando a qualidade do atendimento às crianças no TEA (Barbosa *et al.*, 2021).

Enfermagem é uma profissão que carrega um simbolismo de cuidado com o próximo e acolhimento gerando segurança ao paciente e familiares. Isto é muito importante quando se trata de um paciente no TEA, pois a família, sendo geralmente a mãe como protagonista, enfrenta diversas dificuldades desde o diagnóstico (Sena *et al.*, 2015).

De uma forma geral, toda a família tem um prejuízo emocional devido a situação de convivência com um membro com TEA, por essa razão o enfermeiro deve ter total dedicação e acompanhamento nesse momento (Tabaquim *et al.*, 2015). Na maioria dos casos mãe é a primeira a identificar sinais de que seu filho possa estar dentro do espectro autista, tendo necessidade de se readaptar para a nova rotina da criança, dessa forma ela precisa redimensionar as expectativas em relação à criança e ao futuro dela, assim é importante que o enfermeiro esteja

atento às demandas no que diz respeito à criança no espectro e, também, à mãe e demais familiares, envolvidos no cuidado (Correa *et al.*, 2018).

Assistência de enfermagem às crianças com TEA no ambiente hospitalar

A hospitalização é um processo estressante, tanto para a criança no TEA como para o responsável, sendo que o transtorno afeta a socialização, a dificuldade na alteração de rotina e o rompimento dos vínculos estabelecidos com os familiares, se tornando uma experiência traumática, a equipe deve estar preparada para o atendimento desse público minimizando os traumas e estresses causados, sendo que todo procedimento e intervenções devem ser realizados cautelosamente para que haja interação da criança com o profissional minimizando as chances de traumas futuros (Oliveira *et al.*, 2019).

No ambiente hospitalar a equipe de enfermagem, deve adotar diferentes estratégias que contribuam de forma expressiva no manejo das crianças no TEA, como, por exemplo a intervenção musical e o uso de recursos lúdicos, de forma a garantir e potencializar na criança o desenvolvimento da sua autonomia, da comunicação e mudança de comportamentos através de uma interação criativa (Weissheimer *et al.*, 2021).

Além disso, é importante compreender que as crianças no TEA geralmente apresentam algum tipo de comorbidade associada, vindo precisar de cuidados no âmbito hospitalar mediante a necessidade de tratamento clínico institucionalizado. Dessa forma, o chefe da equipe de enfermagem precisa desenvolver um olhar essencial inerente a cada criança nesta condição, sendo assim são agentes responsáveis por elaborar os planejamentos de assistência de enfermagem, a fim de melhorar seu cotidiano (Nascimento *et al.*, 2022).

Durante a assistência à criança com TEA o enfermeiro deve estar atento para evitar contato pessoal desnecessário; tentar estabelecer vínculo com a criança de modo a lhe proporcionar segurança; usar estratégias de comunicação não verbal (como escalas de dor, por exemplo); descrever à criança os procedimentos a serem realizados; evitar a troca de cuidador com frequência; observar sinais de mudança no humor, estereotípias, ou movimentos repetitivos, afastando-se da criança até que ela se reorganize; proporcionar um ambiente calmo, com baixa iluminação e considerar suas necessidades sensoriais; controlar o número de pessoas que transitam próximo à enfermaria que a criança está internada; tentar inserir a criança em atividades lúdicas com outras crianças; solicitar apoio de outros profissionais, como

nutricionista, psicólogo, terapeuta ocupacional, sempre que houver necessidade (Oliveira *et al.*, 2019).

É muito importante inserir o familiar responsável pela criança como intermediador desse cuidado, mesmo ciente da importância de considerar a criança um sujeito ativo durante os procedimentos realizados. Além disso, é relevante, também, utilizar o apoio matricial, para fornecer suporte durante o processo de hospitalização, no Sistema Único de Saúde, assegurando a assistência contínua, da equipe multidisciplinar das redes de atenção disponíveis à criança com TEA, otimizando a assistência (Oliveira *et al.*, 2019).

Desafios e dificuldades enfrentados pelos enfermeiros na assistência às crianças com TEA

O TEA é extremamente complexo, observando-se dificuldades desde o diagnóstico, uma vez que a maioria das crianças têm o diagnóstico de autismo após os três anos de idade, o que leva a atrasos importantes no seu desenvolvimento, além disso a postergação do diagnóstico gera estresse à família, acarretando resistência na adesão do plano de tratamento traçado e dificuldades na aceitação da realidade (Oliveira *et al.*, 2019).

Assegurar que as crianças tenham acesso ao diagnóstico precoce, é um desafio, visto a dificuldade relatada pelos enfermeiros na detecção dos sinais do autismo, sendo que a maioria desses profissionais apresenta um conhecimento muito básico sobre o tema, fato limitador, pois o profissional de enfermagem será o elo entre os médicos e a família do autista (Pimenta *et al.*, 2021). Reforça-se que o diagnóstico precoce é fundamental, pois favorece a intervenção e a implementação de planos de cuidados adequados, desde a infância até a idade adulta do paciente com TEA, promovendo uma melhor qualidade de vida (Sousa; Sousa, 2017).

Observa-se uma escassez de publicações científicas sobre os cuidados de enfermagem a indivíduos com TEA, pois as informações começaram a ganhar espaço e serem difundidas a cerca de uma década, o que se torna um desafio para os enfermeiros, pois as lacunas existentes na sua formação profissional, geram dificuldades em executar uma assistência de qualidade à criança no TEA. Portanto, torna-se imprescindível permanentes sensibilizações, preparação e atualização sobre o tema para vários profissionais da saúde (Sousa; Sousa, 2017).

A criança no TEA juntamente a família está sujeita ao risco de sofrer preconceito após o diagnóstico e estudos demonstram que a temática ainda precisa ser trabalhada dentro da sociedade. Este é mais um desafio gerado também pela falta de informação, que pode ser praticada até mesmo por parte dos profissionais cuja assistência será realizada. Contudo, o

desafio de lidar com outros profissionais da própria área reconhece a necessidade da enfermagem em desconstruir estigmas, preconceitos e crenças associadas ao autismo, a fim de reduzir os possíveis danos gerados na qualidade da assistência prestada (Oliveira *et al.*, 2019).

DISCUSSÃO

Apesar do TEA ser considerado um tema relevante, com grande destaque nos últimos anos, ainda são poucos os estudos que abordam a importância da assistência de enfermagem em crianças no espectro. A ausência de domínio e qualificação multiprofissional da equipe são importantes barreiras, dificultando o diagnóstico. Assim, a função do enfermeiro é primordial neste contexto, uma vez que este inicia o contato profissional com a criança, acompanhando o seu processo de crescimento e desenvolvimento (Santos Filho *et al.*, 2020).

A enfermagem como profissão, pode contribuir para o movimento de humanização da atenção primária e hospitalar, incentivar o trabalho interdisciplinar e desenvolver o espírito crítico na abordagem do fenômeno saúde-doença (Martins *et al.*, 2021). O enfermeiro deve contribuir para a detecção precoce do autismo, bem como a realização do processo de enfermagem com elaboração de plano de cuidados individualizados ao contexto de cada família.

O enfermeiro deve colaborar na identificação do diagnóstico por meio da observação comportamental da criança nas consultas e na atuação como educador em saúde com criatividade e conhecimento para implementação de novas terapias (Faustino *et al.*, 2022). No entanto o diagnóstico tardio acaba sendo uma das dificuldades enfrentadas pela enfermagem, tendo em vista que o profissional deve adquirir o conhecimento necessário desde a graduação para identificação dos primeiros sinais autísticos da criança, com a finalidade de melhorar a qualidade no momento do planejamento de cuidados (Sousa; Sousa, 2017).

Os trabalhos avaliados no presente estudo abordam a escassez de informação (Sousa; Sousa, 2017), e o quanto a falta de conhecimento do enfermeiro impacta na assistência adequada à criança no TEA (Rodrigues *et al.*, 2021). Há um consenso entre os autores sobre a necessidade urgente de se proporcionar um melhor preparo da enfermagem para lidar com a assistência de crianças autistas, uma vez que o despreparo destes profissionais acarreta prejuízos na assistência de enfermagem tanto aos autistas como para suas respectivas famílias (Souza *et al.*, 2020).

Apesar desses estudos demonstrarem conhecimento limitado dos enfermeiros sobre o TEA, segundo (Mahoney et al. 2021) os enfermeiros precisam de formação e recursos adicionais para cuidar eficazmente de crianças com TEA, os autores acreditam que mais do que o conhecimento das características do TEA, potenciais questões podem estar mais ligadas ao conhecimento de estratégias para cuidar de crianças com TEA, demonstrando a importância da capacitação da equipe de enfermagem para focar em múltiplas estratégias práticas para cuidar de crianças com TEA. O treinamento da equipe de enfermagem deve focar em aumentar o número de estratégias a serem utilizadas com crianças no espectro e fornece mecanismos para colaborar com outros profissionais para individualizar estratégias para atender às necessidades de cada criança.

Dentro das literaturas encontradas em relação à atenção primária destaca-se o olhar clínico e individual para cada criança durante as consultas de enfermagem levando em consideração que o primeiro contato com o profissional da saúde normalmente ocorre nas redes de serviços de atenção primária à saúde durante as consultas de puericultura e de acompanhamento da curva de crescimento. Portanto, por ser reconhecida como porta de entrada, é o principal serviço responsável pelo rastreamento do diagnóstico precoce através da equipe multidisciplinar de saúde com destaque o profissional enfermeiro que está mais próximo do paciente e da família. Trazendo como papel do enfermeiro a importância do acolhimento e escuta qualificada para a população de crianças no TEA (Barbosa *et al.*, 2021).

Ao se tratar da assistência de enfermagem às crianças autistas no ambiente hospitalar os estudos utilizados que abordam a temática destacam principalmente o quanto o enfermeiro pode ser essencial para minimizar os traumas gerados pelo estresse da hospitalização por meio de um planejamento de cuidado individual, concomitante a um olhar humanizado para cada caso único da criança diagnosticada no TEA (Oliveira *et al.*, 2019).

A equipe de enfermagem é um importante prestador de cuidados de saúde que desempenha um papel fundamental na coleta de informações sobre a criança durante o processo de admissão de pacientes e passa a maior parte do tempo diretamente com os pacientes no hospital (Quiban, 2020). No entanto, os estudos existentes sobre as experiências de prestadores de cuidados de saúde e famílias de crianças com TEA no ambiente hospitalar raramente incluem pessoal de enfermagem (Mahoney *et al.*, 2021).

Na saúde infantil, Loureiro *et al.* (2021) referem que as teorias de enfermagem ainda são muito recentes, destacando as do contexto de hospitalização como um ambiente que exige maior desempenho profissional de excelência através de cuidados diretos de enfermagem, bem

como requer uma mudança de paradigma no que diz respeito à inserção da família no contexto do cuidado.

Cabe salientar a questão do cuidado prestado à família do paciente e a inserção familiar no plano de cuidado. A maioria dos estudos citados traz como foco principalmente a mãe da criança autista que enfrenta diversas dificuldades desde antes mesmo do diagnóstico, sem deixar de fora o papel importante exercido pela enfermagem em contribuir com a orientação e preparo psicológico no momento do diagnóstico, bem como no auxílio nos próximos passos dos cuidados prestados à criança (Correa *et al.*, 2018).

Este é um aspecto essencial para uma boa assistência, pois sem o entendimento e aceitação da família sobre a real situação enfrentada torna-se praticamente inviável o plano de acompanhamento, gerando ainda mais prejuízos no desenvolvimento da criança (Pinto *et al.*, 2016).

Contudo, o foco do estudo foi trabalhado de forma fluida respondendo à questão principal do papel do enfermeiro no cuidado à criança no transtorno do espectro autista, trazendo os cenários mais comuns de atuação da equipe de enfermagem e as dificuldades enfrentadas para execução das ações necessárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo desse trabalho compreende-se que o profissional enfermeiro deve ter uma atitude mais humana com um olhar individual, viabilizando qualidade na prestação de serviços, compreendendo quais as principais demandas da criança. Entretanto, essa ação só é possível quando se tem o conhecimento necessário, sendo assim o assunto necessita ser abordado de forma mais aprofundada na graduação do profissional enfermeiro, com enfoque na qualificação da formação dos futuros profissionais e educação permanente no atual quadro de profissionais que exerce a enfermagem. Dessa forma, são necessários mais cursos, treinamentos e ampliação de ações que mudem os métodos hoje usados para melhorar as intervenções na assistência de crianças com TEA.

Além da assistência prestada à criança autista, a enfermagem tem mais chances de sucesso, em um acompanhamento, de qualidade quando inclui a família no plano de cuidado. Não deixando de auxiliar a família, principalmente a mãe, em todo o processo desde o momento do diagnóstico, prestando o devido suporte psicológico e preparo emocional para compreensão

da situação. O vínculo com a família pode superar uma das grandes dificuldades da enfermagem que é a negligência por parte dos familiares, podendo gerar mais déficit no desenvolvimento da criança.

Com base nos estudos selecionados, nota-se a diferença de atuação da enfermagem no plano de intervenção de cuidado em cenários diferentes, como no âmbito hospitalar e na atenção primária, ambos relevantes e com assistências prestadas de formas diferentes. Entretanto, mantém-se em todos os cenários de atuação da enfermagem a empatia, visão ampla e ao mesmo tempo individual, a visão holística, singularidade no atendimento e o acolhimento familiar.

No decorrer das pesquisas para desenvolver esse estudo, identificamos a necessidade de novos estudos e pesquisas para que o enfermeiro tenha embasamento no momento de prestar a assistência e às práticas sejam mais eficientes, dirigidas e convictas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE PSIQUIATRIA AMERICANA (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V)**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>.

BARBOSA, S. C. *et al.* O enfermeiro nos cuidados ao paciente no transtorno do espectro autista infantil na unidade básica de saúde-revisão integrativa. **Revista Eletrônica da Estácio Recife**, v. 7, n. 2, 2021.

BARROS NETO, S. G. *et al.* Abordagem psicofarmacológica no transtorno do espectro autista: uma revisão narrativa. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, v. 19, n. 2, 2019.

CORREA, B. *et al.* Metas de socialização e estratégias de ação de mães de crianças com suspeita de transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, p. 293-308, 2018.

DE SENA, R. C. F. *et al.* Practice and knowledge of nurses about child autism. **Revista de Pesquisa, Cuidado é Fundamental**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

FAUSTINO, J. S. *et al.* Os desafios do cuidado à criança com Transtorno do Espectro Autista sob a luz da enfermagem: The challenges of care for children with Autistic Spectrum Disorder in the light of nursing. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 11, p. 75334-75347, 2022.

FREIRE, J. M. S. *et al.* Considerações sobre a prevalência do autismo no Brasil: uma reflexão sobre inclusão e políticas públicas. **Revista foco** v. 16, n. 3, p. e1225-e1225, 2023.

GOMES, T. M, P. *et al.* Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Jornal de pediatria**, v. 91, p. 111-121, 2015.

KAHL, C. *et al.* Ações e interações na prática clínica do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 52, p. e03327, 2018.

LOUREIRO, F. M. *et al.* Theoretical nursing conceptions in hospitalized child care: scoping review. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 74, p. e20200265, 2021.

MAENNER, M. J. *et al.* Prevalence of autism spectrum disorder among children aged 8 years—autism and developmental disabilities monitoring network, 11 sites, United States, 2016. **MMWR Surveillance summaries**, v. 69, n. 4, p. 1, 2018.

MAGALHÃES, J. M. *et al.* Experiences of family members of children diagnosed with autism spectrum disorder. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, p. e20200437, 2021.

MAHONEY, W. J. *et al.* Nursing care for pediatric patients with autism spectrum disorders: A cross-sectional survey of perceptions and strategies. **Journal for Specialists in Pediatric Nursing**, v. 26, n. 4, p. e12332, 2021.

MARTINS, R. A. *et al.* Assistência do enfermeiro à criança autista na atenção básica Nurse's assistance to autistic children in basic care. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, p. 12193-12206, 2021.

NASCIMENTO, S. A. *et al.* Atuação do Enfermeiro na assistência à criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Enfermagem**, v. 19, p. e10523-e10523, 2022.

OLIVEIRA, A. C. A. *et al.* Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtornos autísticos. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 33, 2019.

OLIVEIRA, G. S. *et al.* Conduta do enfermeiro no atendimento e acompanhamento de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo–TEA: Conduct of the nurse in the care and monitoring of children with Autism Spectrum Disorder-ASD. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 12, p. 80459-80472, 2022.

PIMENTA, N. G. *et al.* O Desafio Para Enfermeiro Em Atendimento No Contexto Intra-Hospitalar: Crianças Portadoras de TEA/the Challenge for Nurses in Care in the Intrahospital Context: Children with ASD. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, p. 12516-12534, 2021.

PINTO, R. N. M. *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 37, 2016.

QUIBAN, C. Addressing needs of hospitalized patients with autism: partnership with parents. **Critical Care Nursing Quarterly**, v. 43, n. 1, p. 68-72, 2020.

RODRIGUES, M. R. C. *et al.* Assistência de enfermagem a paciente com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, 2021.

SANCHACK, K. E.; THOMAS, C. A. Autism spectrum disorder: Primary care principles. **American Family Physician**, v. 94, n. 12, p. 972-979A, 2016.

SANTOS FILHO, M. C. S. *et al.* A importância do profissional enfermeiro no diagnóstico do autismo: uma revisão integrativa da literatura. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 6, n. 2, p. 235-245, 2020.

SENA, R.C.F. *et al.* Practice and knowledge of nurses about child autism. **Journal of Research Fundamental Care Online**, Rio de Janeiro, v.7, n.3, p.2707-2716, Julh-set.2015.

SILVA, N. I.; LEBRUN, I. Transtorno do Espectro do Autismo: história, conceito e perspectiva futura. **Journal of Neurology Research Reviews & Reports**, v. 173, p. 5-8, 2023.

SOUSA, A. M. B. S.; SOUSA, C. S. Produções científicas sobre os cuidados de enfermagem às crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Rev Cient Multidisc Nucleo Conhecimento**, v. 1, p. 387-406, 2017.

SOUZA, A. P. *et al.* Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa/Assistance nursing to infantile autism carrier: an integrated review. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 2, p. 2874-2886, 2020.

TABAQUIM, M. L. M. *et al.* Autoeficácia de cuidadores de crianças com o transtorno do espectro autista. **Revista Psicopedagogia**, v. 32, n. 99, p. 285-292, 2015.

VIANA, D. G. *et al.* Atuação do Enfermeiro com mães de crianças com transtorno do espectro autista: Uma revisão integrativa. **Revista CPAQV–Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida Vol**, v. 13, n. 2, p. 2, 2021.

WEISSHEIMER, G. *et al.* Demandas de informações das famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (2018). **ICD-11 for Mortality and Morbidity Statistics**. Geneva: WHO.